

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS - EXERCÍCIOS II

7. Considere os dois períodos abaixo e assinale a alternativa correta.

I – Os meninos, que gostam de futebol, adoram as aulas de Educação Física.

II – Os meninos que gostam de futebol adoram as aulas de Educação Física.

- a. O sentido é o mesmo nos dois períodos, pois o uso das vírgulas marca apenas a pausa na leitura.
- b. Em I, há uma generalização, afirmando que todos os meninos gostam de futebol.
- c. Em I, a vírgula separa, incorretamente, o sujeito e o verbo.
- d. Em II, há erro de pontuação.



Analisando as duas assertivas, ainda que pareçam ser exatamente o mesmo texto, as duas possuem sentidos distintos, sendo a I uma oração subordinada adjetiva explicativa e a II uma oração subordinada adjetiva restritiva.

A diferença entre explicar e restringir é semântica, interfere no sentido: o primeiro caso explica quem são os meninos, definindo-os: todos os meninos gostam de futebol e de Educação Física; já o segundo caso, ao restringir, cria uma diferenciação: existe o grupo dos meninos que gostam de futebol e o grupo de meninos que não gostam de futebol.

Com isso em mente, vamos analisar as alternativas:

- a. O sentido não é o mesmo, como vimos acima.
- b. De fato, foi como vimos na explicação acima.
- c. A vírgula não está separando incorretamente o sujeito do verbo, pois a intenção dela é incluir uma oração subordinada intercalada, que quebra a oração principal (“Os meninos adoram as aulas de Educação Física”).
- d. Não há erro de pontuação, pois restritivas não ficam entre vírgulas, apenas as explicativas.

Estamos geralmente tão hipnotizados pela “necessidade de um compromisso para se alcançar o bem comum” e pela opinião de que “as instituições sociais já estão fazendo todo o possível para isso”, que não conseguimos perceber nossa contribuição na legitimação dessa política policial que administra alguns corpos e torna invisíveis outros.

Viu algum erro neste material? Contate-nos em: degravacoes@grancursosonline.com.br

8. O sentido original do texto seria alterado caso se inserisse uma vírgula imediatamente após a palavra “policial”.



Esse “que” que vem após “policial” pode ser substituído por “a qual”, então já podemos determinar que é um pronome relativo. Então, o que vem após o “que” é uma oração subordinada adjetiva restritiva. Se incluirmos uma vírgula, a oração deixará de ser restritiva e se tornará explicativa, alterando seu sentido.



9. Se, no lugar dos verbos destacados no verso “**Escolho** os filmes que eu não **vejo** no elevador” (linha 4), fossem empregados, respectivamente, Esquecer e gostar, a nova redação, de acordo com as regras sobre regência verbal e concordância nominal prescritas pela norma-padrão, deveria ser

- a. Esqueço dos filmes que eu não gosto no elevador.
- b. Esqueço os filmes os quais não gosto no elevador.
- c. Esqueço dos filmes aos quais não gosto no elevador.
- d. Esqueço dos filmes dos quais não gosto no elevador.
- e. Esqueço os filmes dos quais não gosto no elevador.



A, C, D) “Esquecer” é verbo transitivo direto, logo não pode ter preposição. Quem “se esquece” é verbo transitivo indireto.

Como “vejo”, que é verbo transitivo direto, será substituído por “gostar”, que é verbo transitivo indireto, o objeto direto passa a ser objeto indireto, isto é, preposicionado. Como “que” retoma “os filmes”, ele é o objeto direto. Então em vez de “os quais”, o certo seria “dos quais”. Portanto, teríamos: Esqueço os filmes dos quais não gosto no elevador.

“Pois há uma única coisa de que o próprio Deus está privado: fazer que o que foi não tenha sido”

10. A correção gramatical do texto seria preservada caso se eliminasse a preposição ‘de’ (R.5).



“De que”, que poderia ser substituído por “da qual”, funciona como pronome relativo, introduzindo uma oração subordinada adjetiva, mas também está preposicionado. Se colocarmos a oração assim:



De uma única coisa o próprio Deus está privado; ou

O próprio Deus está privado de uma única coisa.

Percebemos, então, que “de uma única coisa” é complemento nominal do adjetivo “privado”, que é um predicativo do sujeito (Deus).

E a eliminação da preposição deixaria a frase, do jeito original que se encontra, assim: “Pois há uma única coisa que o próprio Deus está privado”, que parece correto a primeira vista, mas quando colocamos na ordem direta, percebemos que está errada: “o próprio Deus está privado uma única coisa”.

Portanto, essa preposição é obrigatória, não pode ser eliminada.

Escolha mais adequada é empreender uma apropriação crítica desse passado político recente, tanto para consolidar nossa frágil cidadania quanto para entender a realidade em que vivemos. Para tanto, é fundamental estudar a ditadura, a fim de compreender a atualidade do seu legado e, assim, criar condições de superá-lo.

11. No trecho “entender a realidade em que vivemos” (R.20–21), a supressão da preposição não prejudica a correção gramatical do texto, ainda que interfira na relação sintático-semântica entre seus elementos.



Aqui, o enunciado não apenas questiona sobre a supressão de um termo (a preposição “em”), mas também admite que pode haver mudança na sintaxe e na semântica – ou seja, essas alterações estão permitidas, segundo o enunciado, desde que o trecho continue correto. “em”, que pode ser substituído por “na qual” está retomando “realidade”. É o mesmo que dizer: Na realidade (nós) vivemos. Sujeito é “nós” e “vivemos” é o verbo. Logo, “na realidade” é onde vivemos, ou seja, o adjunto adverbial.

Se removermos: “entender a realidade que vivemos” ou “a realidade vivemos” ou ainda “vivemos a realidade”, e “a realidade” passa a ser objeto direto de “vivemos”.

Ou seja, a sentença é gramaticalmente válida, mesmo que o sentido sintático-semântico tenha se alterado, conforme o enunciado já havia previsto.



Obs.: em linhas gerais, quando há um pronome relativo preposicionado, essa preposição não pode ser eliminada, nem substituída por outra preposição. Mas existem casos raros em que se pode abrir mão da preposição e ainda assim preservar a correção gramatical. É o caso aqui.

Cláudio, marido e imperador, esteve implicado nessas execuções. Não existem dúvidas de que lhe diziam que determinado amante tramava contra ele ou que outro desviava o dinheiro público, mas ele sempre fazia o que a mulher lhe pedia e logo se livrava daqueles homens.

12. O vocábulo “que”, em “diziam que” (R.5) e em “fazia o que” (R.7), pertence a classes gramaticais distintas.



Essa questão é clássica em provas e tem uma pegadinha, por isso vamos por partes: “diziam” é verbo transitivo direto, e “que determinado amante tramava contra ele” é uma oração subordinada substantiva objetiva direta, sendo o “que” uma conjunção integrante.

Aqui, a maioria das pessoas pensa que no caso de “o que a mulher lhe pedia” também possui uma oração integrante e já marcar a questão como errada, mas não é o caso: para ser uma oração subordinada substantiva, toda a oração, incluindo o “que”, pode ser trocada por “isso”, porém aqui está escrito “o que”, e esse “o” não entra, sendo impossível a substituição, pois teríamos “mas ele sempre fazia o isso”.

Também não é um pronome relativo, pois a troca por “o qual” deixaria a frase assim: “mas ele sempre fazia o o qual”, que também está errado.

Portanto, precisamos ir mais a fundo: primeiro, “o” em “o qual” não é artigo, mas um pronome demonstrativo. Se trocarmos por “o” por “aquilo” e aí, sim, o “que” por “o qual”, teremos uma correção gramatical correta: “mas ele sempre fazia aquilo o qual a mulher lhe pedia”.

Pode-se dizer que a engenharia científica só teve início quando se chegou a um consenso de que tudo aquilo que se fazia em bases empíricas e intuitivas era, na realidade, regido por leis físicas e matemáticas, que importava descobrir e estudar.

13. A flexão de singular na forma verbal “importava” justifica-se por ser o sujeito da oração indeterminado, de interpretação genérica.



Não é uma questão simples, mas que pode ter uma resolução simples. Vejamos:

Sujeito indeterminado ocorre quando há verbo na terceira pessoa do plural sem referente textual (o que não é o caso aqui); o verbo estar na terceira pessoa do singular + a partícula “se” como índice de indeterminação do sujeito (também não é o caso) ou ainda o verbo estar no infinitivo impessoal (também não é o caso do verbo importava).

Só com isso, já podemos determinar que a questão está errada.



20m



25m

Viu algum erro neste material? Contate-nos em: degravacoes@grancursosonline.com.br

Agora, vamos nos aprofundar na questão:

“que importava” é o mesmo que “as quais importava”, pois retoma “leis físicas e matemáticas”, que está no plural, ainda que “importava” esteja no singular.

Porém, para esse texto, a melhor ordem seria: “Descobrir e estudar leis físicas e matemáticas importava”. Portanto, o que importava não eram as leis físicas e matemáticas, mas “descobrir e estudar leis físicas e matemáticas”.

Trata-se de um sujeito oracional, pois o sujeito é “Descobrir e estudar”, portanto o verbo só pode ficar no singular, e “leis físicas e matemáticas” é objeto direto – o mesmo vale para o “que” da oração original, que faz a retomada dos termos.



GABARITO

- 7. b
- 8. C
- 9. e
- 10. E
- 11. C
- 12. C
- 13. E

Este material foi elaborado pela equipe pedagógica do Gran Concursos, de acordo com a aula preparada e ministrada pelo professor Elias Santana.

A presente gravação tem como objetivo auxiliar no acompanhamento e na revisão do conteúdo ministrado na videoaula. Não recomendamos a substituição do estudo em vídeo pela leitura exclusiva deste material.
